

Página da Associação Portuguesa de Otoneurologia

O NEUROLOGISTA E A OTONEUROLOGIA



José Pimentel
Vice-Presidente da APO
Professor de Neurologia
da Faculdade de Medicina
de Lisboa

Por razões que dizem respeito exclusivamente aos neurologistas, a otoneurologia no nosso país tem sido “dominada” (no bom sentido, claro!) pelos colegas ORL. Elas podem ser diversas mas resumem-se, sumariamente, a uma: ausência de “tradição” otoneurológica. Aliás, tanto quanto julgo saber, é um facto igualmente comum a outros países, contando-se pelos dedos, e todos os conhecemos, os neurologistas que a ela se dedicam.

Deste modo, o neurologista alicerça habitualmente a investigação otoneurológica na colheita da história, na realização da prova dos braços estendidos, na de Romberg, na da “voz ciciada” ou similar, na de Rinne e Weber, no estudo da marcha e, finalmente, no do nistagmo (sempre sem lentes e, muitas vezes, sem a experiência necessária!). É este o seu “exame vestibular”, corroborado depois pelos exames complementares, de entre os quais sobressai a imagem. Se quer ou tem gosto em fazer uma investigação mais exaustiva, têm que lhe ser disponibilizados meios técnicos e tempo para adquirir a experiência necessária, ambos factos que não ocorrem nos departamentos de neurologia hospitalares uma vez prevalecer a tal “tradição”.

Por outro lado, desaprovo que o neurologista “passe do sulco bulbo-protuberancial para fora e invada o canal auditivo”, isto é, que interfira nas áreas de acção da ORL mesmo que para actos médicos aparentemente simples, como sejam as

manobras de libertação da VPPB. E como adquirir a experiência necessária para se sentir á vontade com a sua realização? E como ter a certeza absoluta de que se trata verdadeiramente de uma VPPB sem a realização, pelo menos, de um VNG?

Penso que algumas medidas podiam ser tomadas para tentar inverter este estado de coisas? Desde logo, a nível institucional, tornar obrigatório (aliás, como devia ser feito também, por exemplo, para a oftalmologia) um estágio num departamento de ORL com comprovada idoneidade em otoneurologia durante o internato complementar de neurologia. Depois, mais a nível particular, implicar também os departamentos de hospitalares de neurologia na organização dos diversos eventos promovidos pela APO. Por outro lado, um aumento significativo dos convites da industria farmacêutica aos neurologistas para estarem presentes nestes eventos. Finalmente, devemos, os neurologistas mais velhos (e penitencio-me por isso!) incutir nos mais novos o gosto pela investigação clínica da patologia otoneurológica que nos diz respeito, nomeadamente a vertigem neurológica e todos os aspectos subjacentes, uma vez que muito pode ser feito nesta área.

Talvez seja tempo de “perder” definitivamente o exame vestibular para os colegas ORL otoneurologistas, mas ganhar, obviamente em íntima colaboração com eles, um amplo campo com muito ainda por explorar.

APO
Av. Elias Garcia, 123 - 1º Esqº
1050 - 098 LISBOA
www.otoneuro.pt